

Montagem desmonta fábula

Apesar de belas imagens, adaptação do clássico 'Pinóquio' erra ao turvar limpidez da história original

MACKSEN LUIZ

A permanência de uma fábula está na sua capacidade de identificar nos elementos básicos de sua narrativa as características que recriam e consolidam a existência de um imaginário. A possibilidade de acrescentar a esse imaginário novas e suplementares interpretações pode retirar do original exatamente aquilo que construiu a sua identidade com o coletivo e tornou duradoura a sua fixação no tempo. A adaptação teatral livre de Moacyr Góes e Amandio Gomes de *Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi (1826-1890), pretende recontar uma história na qual o caráter dos sentimentos que reflete, e da trama que os contém, se define em um outro espaço fabular, que precisa adquirir autonomia expressiva (e se possível, igual dimensão temática) sem se desprender da matéria inspiradora. Em um "clássico", nem sempre as reinterpretações alcançam a mesma extensão do universo de origem, e muitas vezes se transformam em apropriações, a partir das quais se usa o núcleo gerador como pretexto para reescrever o que tão limpidamente se fez definitivo. A dupla de adaptadores não apenas se inspirou em *Pinóquio*, mas procurou trazer o personagem para um outro universo, que se não lhe é estranho, pelo menos não corresponde ao que de essencial existe na gênese da sua criação.

Pinóquio, nesta versão teatral, perde a inocência na descoberta do mundo, o processo de humanização – do boneco de madeira ao garoto de carne e osso – se desenrola em outras aventuras, assemelhadas às originais, mas com diferentes intenções associativas. A



Leon Góes demonstra virtuosismo em seus movimentos, no papel do boneco Pinóquio

história de Collodi é uma fábula infantil, e, como todas, se justifica pela moral conclusiva, que aponta para julgamentos dos personagens, que percorrem suas sagas com o peso desta moralidade que é, em si mesma, da natureza fabular. Ao retirar o sentido de julgamento moral e a fantasia "infantil" das etapas reveladoras do percurso de *Pinóquio*, a adaptação conduz a uma híbrida narrativa, veículo para um mergulho referencial em dúvidas que são estranhas e ultrapassam o caráter da obra transposta. A ausência daquele boneco que vive o assombro da mentira, com consequências até mesmo na modificação do próprio corpo, e do velho criador que constrói o brinquedo para que, com a sua vida adquirida, mitigue a solidão da convivência apenas com animais,

retira a ilusão dessa aventura para concentrá-la na busca de um lugar para existir. Ao emprestar ao personagem um caráter "existencial", mas sem a moldura infantil, reduz *Pinóquio* a uma figura indefinida, adulterada por aspirações "adultas".

Dificuldades – A transição para o palco dessa adaptação de *Pinóquio* reproduz, na medida e em coerência com o texto, as dificuldades de encontrar um registro que equilibre os planos dessa sobrecarga autoral com o estabelecimento de um imaginário em cena. O diretor Moacyr Góes reafirma a sua propensão para criar belas imagens, apoiadas por técnica e expressividade corporal, em um quadro visualmente sofisticado. A sua encenação, contudo, acentua os desníveis dramáticos com a

impossibilidade de transferir essa elaboração imagética para o corpo da peça, suprimindo, de certo modo, as fraturas narrativas. O desenvolvimento cênico se contrai nos pequenos quadros que revelam uma dramática de fábula – os diálogos conduzem a uma ação que se pauta pelo "ingênuo", sem se definir pelo tom e fluência de "contar uma história". A distância entre as cenas de conjunto (aquelas que se referem à trupe de atores) e as demais amplia as quebras narrativas e a pouca unidade da peça.

O que os autores atribuem como interpretação da obra (predominantemente uma profissão de fé no teatro), é o que melhor a direção consegue traduzir no palco. O cenário de José Dias, que transforma uma grande mesa em palco mutável, alcança atmosfera entre

o sombrio e o mágico, encontrando nos figurinos e nas máscaras de Samuel Abrantes colorido e teatralidade que conferem beleza melancólica e bufona ao espetáculo, reconfirmada pela sensível trilha de Marcos Ribas de Faria. A iluminação de Maneco Quinderé, como em parte a cenografia, sofre um tanto com o dimensionamento da encenação para o palco do Espaço 3. A montagem se estrangula espacialmente – isto é mais visível na cena do mar –, e também com o rompimento, pela proximidade com a plateia, de uma certa "ilusão teatral".

Boneco – Leon Góes é um *Pinóquio* com virtuosismo de movimentos. O ator retira do corpo uma movimentação que decorre das articulações de um boneco, sem mimetismos, mas nem sempre este refinado desenho corporal é suficiente numa interpretação que se cristaliza no formalismo gestual. André Valli dilui sua atuação numa imagem esmaecida dramaticamente, e neste sentido corresponde ao Gepeto desta adaptação. Flávia Guimarães acentua a presença evanescente do menino Pinóquio. Natália Lage tenta emprestar sensualidade de perversa à raposa, enquanto Ricardo Vilela compõe com habilidade corporal o gato. Tânia Pires se desincumbem do menino Fiapo e Marcos Teixeira, Carla Andréa, Carla Freitas, Jorge Mandarino, Wagner Guimarães, Carolina Chalita, Fernanda Baccante, Cristiane Lúria e Marcia Cerqueira têm interpretações afinadas com técnicas corporais.

Pinóquio – De Carlo Collodi. Adaptação de Moacyr Góes e Amandio Gomes. Direção de Moacyr Góes. Teatro Villa-Lobos, Espaço 3. De 5ª a sábado, 21h, dom, às 20h. R\$ 15